



IMAGEM DO SITE DA ARTISTA  
[www.safaafathy.org](http://www.safaafathy.org)



# «POR NÃO TER NASCIDO TODA AO MESMO TEMPO»

## Conversação com Safaa Fathy\*

### LUCIA CASTELLO BRANCO\*\*

**SAFAA FATHY**, nascida no Egito, é poeta, cineasta, ensaísta, filósofa e tradutora. Vive em Paris há trinta e cinco anos, onde é, atualmente, diretora do Colégio Internacional de Filosofia. Doutora pela Universidade de Paris IV, Sorbonne (1993), traduziu O 'conceito' de 11 de setembro, de Jacques Derrida, para o árabe.

**SEUS** filmes mais recentes são *Mohammad sauvé des eaux*, *D'Ailleurs Derrida*, os filmes-poemas *Nom à la mer* e *Hidden Valley*, e um filme *in progress*: *Tahrir, Lève, Lève, la voix*.

**ESCREVEU** duas peças de teatro, *Terreur* e *Ordalie*, prefaciadas por Jacques Derrida, com quem escreveu um livro, *Tourner les mots*, acerca de um filme. É autora de várias coletâneas de poesia, entre as quais *Nom dans une bouteille à la mer*, 2010, e *Où ne pas naître...*, em 2003.

**SEUS** ensaios mais recentes, publicados entre 2011 e 2014, são *Scander, voir et croire*, *Le secret est dans l'image*, «Hijab» *est un mot qui en lui-même...* e *L'écriture Matricide*. Alguns de seus poemas, traduzidos para o português por Fernando Santoro, fazem parte de seu último livro de poemas, editado em 2014: *Une révolution traverse des murs*.

**INTEGROU** o International Cities of Refuge Network (ICORN) em 2007 e foi hospedada na Casa Refúgio Citlaltépetl, no México..

# «FOR NOT HAVING BEEN BORN ENTIRELY AT THE SAME TIME»

## A conversation with Safaa Fathy\*

**SAFAA FATHY** was born in Egypt. She is a poet, film maker, essayist, philosopher and translator living in Paris for thirty-five years now. She is currently a Director at the International College of Philosophy. She obtained her PhD from the University of Paris IV, Sorbonne (1993), and translated *The 'concept' of September 11* by Jacques Derrida into Arabic. Her most recent films are *Mohammed saved from the waters*, *Derrida's elsewhere*, the film-poems *Nom à la mer* and *Hidden Valley*, and one film in progress, *Tahrir, raise, raise your voice*.

**HER** plays *Terror* and *Ordeal* were prefaced by Jacques Derrida, with whom she signed a book, *Tourner les mots au bord d'un film*. Her latest published collection of poems is *A name in a bottle at the sea*, 2010, and *Où ne pas naître*, in 2003. Her most recent essays published between 2011 and 2014 are *Scream, see and believe*, and *The secret in the image*, "Hijab" *est un mot qui en lui-même...* and *L'écriture Matricide*. Some of her poems translated into Portuguese by Fernando Santoro are a part of her last book of poems edited in 2014: *Revolution, a wall we cross*. She integrated ICORN in 2007 and was a guest at Casa Refugio Citlaltépetl, in Mexico City.

\*\*Professora titular em Estudos Literários, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: castella.branco@gmail.com

Contato: safaa.fathy@wanadoo.fr

www.safaafathy.org

Recebido em 6/12/2015. Aprovado em 20/3/2016.



*E então nos encontraremos com os mortos  
Para não morrer.*

**LCB** Considerando a atmosfera do filme *Nom à la mer*, pode-se pensar que há, nele, uma prevalência da mãe em relação à figura do pai, seja a mãe (*la mère*) como figura materna, seja o mar (*la mer*) como natureza materna, seja a língua materna como uma referência sempre recalcada, mas sempre lá. Considerando-se os poemas de «Atravessando muros: a Revolução», percebe-se que a prevalência, na atmosfera dos poemas, é da figura do irmão.

Essa constelação – mãe, pai, irmão – me fez lembrar uma frase de Fernando Pessoa, que dizia «Minha pátria é a língua portuguesa». E nós temos, no Brasil, um grande compositor e poeta, Caetano Veloso, que fez uma releitura de Pessoa e escreveu: «A língua é minha pátria, e eu não tenho pátria, tenho mátria e quero fratria».

\* A frase que dá título a este texto é uma citação de Maria Gabriela Llansol, no discurso “Para que o romance não morra”. In: Llansol, Maria Gabriela. *Lisboaleipzig 1: o encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Rolim, 1994.

Minha questão é se podemos pensar que, em sua obra, pode-se ver esta mesma direção: não ao pai, não à mãe, em busca da afirmação do irmão, em busca de uma «comunidade por vir», comunidade de irmãs e irmãos, ligados pela solidariedade e outras formas de encontro, como as de amizade, por exemplo.

**SF** É bastante justa a análise que você faz dos dois livros de poemas. Um deles de fato diz respeito à figuração da mãe, da língua materna, à pátria, que é a terra do pai. Trata-se, nessa coletânea, de certo apagamento do ser, em vista da genealogia real e simbólica em que a autoridade da mãe, combinada com a do pai, determina o ser para o mundo. *Nom à la mer* diz «não» a essa genealogia, pela invenção do nome, e esse nome é indeterminável, indecível, como diria Derrida.

Em «Atravessando os muros: a revolução», trata-se, de fato, da figura do irmão morto, o irmão que foi e permanece espectral, através de uma morte pela qual ele continua, no entanto, muito vivo. E é ele, que estava lá e não está mais lá, que coloca em movimento esse espaçamento em que um devir irmão, e *a priori* um devir irmã, é possível. Nessa vacância, nesse lugar, ou, mais exatamente, nesse não lugar, dá-se um devir amigo na «amância» – que não é somente amizade nem tampouco amor – e nessa «amância» uma promessa surge da tragédia de uma revolução vencida (você me dirá que todas as revoluções são fatalmente vencidas). Mas viver essa revolução, que surge como um acontecimento sem nenhum horizonte anunciador, e depois vê-la desaparecer atrás dos muros, cria uma emoção para mim totalmente desconhecida, até então, uma emoção da promessa mesma. Essa promessa é a da «amância», na justiça da fratria, sem pai nem mãe, na «amância» de uma democracia por vir.

**LCB** Estou bastante interessada no que você chama de «escrita matricida». Você pensa essa escrita como uma forma de dizer «não à mãe», ou, ao contrário, pode-se pensar que essa escrita mostra justamente a prevalência da mãe e sua articulação com a escrita? Lembro-me de Marguerite Duras, quando ela disse que «apenas as mulheres escrevem». É possível dizer que, na escrita, não há nada mais que a mãe, que se deve matar?

**SF** Trata-se de uma questão muito difícil e vou tentar aqui retrazar o esquema que pude traçar, em outro lugar, para poder abordá-la. A escrita matricida proviria de uma maldição do nascimento e de querer não ter nascido. Não querer ter

nascido – é essa a maldição do nascimento. Mas não se pode não querer ter nascido, pois isso não pode provir de nenhum querer. Não posso querer não nascer, nem querer nascer em outra parte. Nascer ou não nascer não pode ser querido, uma vez que o querer é já ser.

Maldizer o nascimento recai na maldição da mãe. O matricídio é uma maldição do nascimento, ele porta uma condenação de ter visto o dia, do dia mesmo. O matricídio, como o suicídio, é uma das faces dessa maldição *quasi* primordial de ter nascido, e essa maldição porta certa contradição: não posso querer o que digo querer, ou seja, não querer nascer, nem tampouco querer morrer. É uma contradição intrínseca àquilo que precisamente não pode ser querido. Essa contradição relança interminavelmente o desejo matricida ou suicida, e a escrita encontra aí, nessa repetição, um de seus lugares originários. Esse desejo impossível se funda sobre uma denegação do ser nascido e isso é, entretanto, a única condição de aceder à experiência da existência, no tempo e na temporalidade de meu tempo, ao «eu sou, logo, escrevo». O desejo matricida não se realiza jamais, é um desejo destinado ao fracasso, mas esse desejo se repete no ato de escrever, como se, de novo, houvesse ainda a possibilidade de um ato escrito, de certo nascimento que não seria, desta vez, maldito.

O matricídio vem também a fracassar, repetitiva e fatalmente, porque há duas faces do nascimento: o nascimento é dado pela mãe e, indissociavelmente, pela maternidade. «A maternidade vela e comanda, mesmo se a mãe ou a figura da mãe for assassinada» (Derrida, 2011).

Não se pode fazer totalmente a diferença entre mãe e maternidade. A mãe-ventre é substituível, mas a maternidade é aquela do nascimento que sela uma data originária, um lugar de origem, que será impossível matar, e mesmo maldizer. A maternidade, diz Derrida, «continua, ela continuará a desafiar o matricídio» (Ibidem). O que provoca a escrita e a sobrevivência de uma assinatura e de uma contra-assinatura, o que complica o esquema é não somente a impossibilidade desse querer, mas também a impossibilidade de fazer a distinção entre a mãe, o nascimento e a maternidade. Daí essas tentativas de assassinato repetidas, sempre e incansavelmente, uma vez que, de saída, o assassinato é impossível. Digamos que a maternidade protege a mãe. Daí a repetitividade do gesto dessa escrita

fundada num tal voto. Então, podemos dizer que é o nascimento que escreve, em si mesmo, a impossibilidade do matricídio, uma vez que há *já* a mãe e que há a maternidade. Assim, podemos chegar a um esboço de conclusão: o matricídio não pode jamais atingir a maternidade, mesmo se a crueldade tem como isca seja a mãe, seja a maternidade.

**LCB** Quando vi *Nom à la mer*, pensei que o filme é de tal forma ligado à escrita – trata-se de cine-poema – que fiquei curiosa sobre essa articulação, para você, entre a escrita e o cinema. O que veio antes, para você: a poesia ou o cinema? Por que fazer cinema, quando já se tem as imagens da poesia? Pode-se pensar também no cinema matricida, que quer matar as imagens matriciais do cinema, propondo a prevalência da imagem literária?

**SF** A poesia é fatalmente a origem. Origem que se divide, multiplica-se e difere de si mesma. Ela é assim, historicamente, e assim para mim. Como muitos, encontro, encontrei refúgio no ato e no traçado poéticos. Tenho muito a dizer e nada a dizer. A prosa me entedia. Dizer muito ou não dizer o bastante, ou nada dizer, ou ainda há muito a dizer, e eu não tenho nada a dizer, isso me causa medo o bastante e provoca o horror. Assim, a escrita poética me permite poder me manter na borda do silêncio, na borda do que eu não posso dizer e que é, entretanto, preciso que eu diga, mas de outra maneira.

Ocorre – e isso foi para mim como um destino, uma oferta – que eu me pus a fazer cinema. Eu vivia, então, segundo duas linhas paralelas: de uma parte, o cinema; de outra parte, a escrita poética. Chegou, então, um momento da minha vida, um momento de vida suspensa, quando o cinema não podia se manter em mim sem poesia. Um momento em que essa duplicação não era, nem suportável, nem vivível. Então, um movimento e um deslocamento em direção à poesia, como você diz, teve lugar. Decidi, assim, juntar meu cinema à minha poesia. Reunir minhas assinaturas em um só ser, em nascimento. Eu queria experimentar as duas formas artísticas e criar uma terceira, queria conhecer e experimentar uma forma de imagens novas.

Na verdade, é como fazer viver juntos o velho e o novo, o arcaico, ou seja, a poesia (isso pode ser o materno) e o menos arcaico, quer dizer, a mãe. Não é por acaso que meu primeiro filme desse gênero se chama *nom à la mère*, não ao

cinema sem poesia, talvez. Como eu acabo de dizer, pode-se querer matar a mãe, mas não se pode tocar a maternidade. Há uma frase nesse filme que diz «mas a água é uma mãe, um pai...». A água é a *homeland*.

Também uma economia entre as profundidades poéticas e a superfície da imagem horizontal estava por ser encontrada. Essas imagens, por serem encontradas, não deveriam absolutamente ser miméticas. Assim, filmar o tempo, a luz do dia, a luz do nascimento, parecia-me ser a única via possível entre poesia e imagem pictórica. Eu não queria que essas imagens fossem figurativas e, sobretudo, não queria que fossem miméticas. Elas só são figurativas furtivamente, as figuras são aparições: uma vez vistas, são já desaparecidas.

Essa união entre as temporalidades da poesia escrita e as imagens traçadas me parece, neste momento, de uma grande necessidade para mim e também para a própria poesia, cuja sobrevivência, creio, depende de certa mutação em direção às formas do visível. Isso não quer dizer que a poesia escrita e somente lida vá desaparecer, mas um novo impulso pode lhe ser insuflado por um terceiro gênero, o cine-poema. Isso se faz muito neste momento.

**LCB** A respeito de *Où ne pas naître*, pode-se dizer que a questão do exílio se revela desde o título do livro pela palavra «où» (onde), que assinala um lugar, o não lugar. Ao mesmo tempo, pode-se escutar, no título do livro, «...Ou ne pas naître» («...Ou não nascer»), como uma opção de não nascer, de não ter nascido. E isso, significando a morte – não nascer –, assinala também o «não ser» do exílio. O livro nos autoriza a pensar também nessa direção?

**SF** *Où ne pas naître* diz efetivamente o exílio, mas diz também outra coisa: nascer por toda parte. «Onde» (*Où*) pode designar aqui uma questão retórica: não há um lugar onde eu não possa nascer. É justamente um não lugar ali onde eu não posso não nascer. Também, como eu acabo de dizer sobre a escrita matricida, que começa já com eu teria querido não nascer, como se meu primeiro livro em francês designasse, desde o título, o estado daquela que assina, depois de tantos périplos, uma chegada ao não chegar. Uma chegada, então, ao ser, no nascer e no não nascer. Não esqueçamos a referência a Hamlet: «ser ou não ser» Cito Jean-Luc Nancy, no posfácio do livro, cujas palavras me parecem dizer a tal ponto que a questão do ser está efetivamente além do nascer, que o «eu» reside em alguma parte entre os dois, lançado lá, como diz Heidegger, em alguma parte,

e essa alguma parte é este mundo aqui, não só exílio, mas também morada, no qual exílio pode querer dizer simplesmente nascer.

«Pudesse eu nunca ter nascido!» «Pudesses tu nunca ter nascido!»: feminina ou masculina, a antiga maldição, a mais dilacerante e a mais desoladora de todas, não amaldiçoa o ser, mas o nascimento. Para ser, é preciso nascer, e para nascer, é preciso ser precedido («precedidos pela cena do mundo», p. 23). Há aí um antes/depois, precedência e sucessão, e não um ser/não ser. Não nascer não corresponde a não ser. Não se trata de uma lógica binária e não se trata, talvez, absolutamente de uma lógica.

Não nascer seria permanecer na precedência de si, que não é a negação de si. Seria se preceder, ou, por outro lado, também se suceder, sem coincidir consigo, se pelo menos se quer admitir que ao nascimento deve responder o acontecimento de uma tal coincidência. Nascer significaria sempre: «eu nasci», um «eu» é dado, colocado, ou lançado. Mas não nascer significaria permanecer aquém de um «eu», ou então «além», em recuo ou em excesso, com relação ao ponto de coincidência. Seria permanecer na antecendência de si, num mundo do possível e da espera.

\*\*\*\*\*

## Referências

DERRIDA, Jacques. *James Joyce ou l'écriture matricide* de Jacques Trilling. Paris: Éditions Circé, 2011. Préface à "La vieilleuse".

FATHY, Safaa. *Où ne pas naître*. Paris: Éditions Paris-Méditerranée, 2002.

FATHY, Safaa. *La révolution traverse les murs*. Cairo: Édition Sharkyat, 2014.

FATHY, Safaa. *Nom à la mer*. Beyrouth, Édition Dar Al Nahda, 2010.